

## O artigo de opinião no livro didático de Língua Portuguesa: uma abordagem enunciativo–discursiva<sup>1</sup>

Alessandro Martins<sup>2</sup>

Eliehem Dias<sup>3</sup>

Rosivaldo Gomes<sup>4</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise sobre como são tematizadas as atividades de produção escrita de gêneros textuais da ordem do argumentar em um livro didático de língua portuguesa do ensino médio. Mais especificadamente, buscamos expor algumas discussões e reflexões, a respeito de como está sendo apresentada/trabalhada a produção do gênero textual/discursivo artigo de opinião em um livro didático de português do ensino médio avaliado pelo PNLD/2011. O referencial teórico baseia-se, principalmente em autores que trabalham com ideias vinculadas ao estudo sobre livros didáticos e sobre os gêneros textuais, como: Rojo e Batista, Ferraz e Gomes, Bakhtin, Marcuschi, Dolz e Schneuwly et al. A abordagem metodológica baseou-se nos procedimentos de investigação da Linguística Aplicada (LA) de base interpretativa e o tipo de pesquisa foi a análise documental. O *corpus* é constituído por propostas de produção escrita de gêneros argumentativos, presentes em um capítulo do LDP do EM (volume 1- 1º ano). Com os resultados pretendemos discutir se a abordagem, no livro didático utilizado, para o ensino de produção escrita, do gênero analisado, colabora para a formação de produtores desses textos, favorecendo assim algumas competências a serem adquiridas pelo aluno.

**Palavras chave:** Gêneros textuais; Livro Didático; Gêneros Argumentativos; Artigo de Opinião.

### L' ARTICLE D'OPINION DANS LE LIVRE DE LANGUE PORTUGAISE: UNE APPROCHE ÉNONCIATIVE DISCURSIF

**RÉSUMÉ:** Cet article vise à présenter une analyse de la façon dont sont le thème des activités de production d'écriture genres de l'ordre de la raison dans un manuel de la langue anglaise lycée. Plus précisément, nous cherchons à exposer des discussions et des réflexions sur la façon dont il est présenté production / conçu du genre / discursive article d'opinion dans un manuel du portugais école secondaire évaluée par PNLD / 2011. Le cadre théorique est principalement basée sur les auteurs qui travaillent avec des idées liées à l'étude des manuels et sur les genres tels que: Rojo et Batista, Ferraz et Gomes, Bakhtine, Marcuschi, Dolz et Schneuwly et al. L'approche méthodologique a été basée sur les procédures de recherche linguistique appliquée (LA) de base interprétative et le type de recherche était de documenter l'analyse. Le corpus se compose de propositions production de genres présents argumentatives dans un chapitre de la LDP MS (volume 1

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Amapá. Macapá- AP.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Amapá.

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Amapá.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho e professor do Curso de Letras pela Universidade Federal do Amapá. E- mail: rosivaldo@unifap.br

1ère année) écrites. Avec les résultats nous avons l'intention de discuter de l'approche, le manuel utilisé pour l'enseignement écrit la production, le genre analysé, contribue à la formation des producteurs de ces textes, favorisant ainsi certaines compétences à acquérir par l'étudiant.

**Mots-clés:** Genres de texte; Manuel; Genres argumentatifs; article d'opinion.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, pesquisadores da área da linguagem, principalmente os do campo da Linguística Aplicada, como Rojo (2001, 2002, 2003), Barros-Mendes (2005), Bunzen (2005, 2009), Padilha (2005) *et al* estão desenvolvendo diversas pesquisas com o objetivo de descrever e analisar o trabalho que vem sendo desenvolvido com relação ao ensino de língua materna no nosso país.

Com base nesses estudos, novas perspectivas para o ensino-aprendizagem de língua materna surgiram, favorecendo de certa forma, mudanças no ensino brasileiro, principalmente na área de Língua Portuguesa. Isso ocorreu – e ainda ocorre, por um lado, graças aos avanços das ciências da aprendizagem e das ciências da linguagem, e por outro às próprias exigências sociais que impõem a revisão de paradigmas (BARROS-MENDES, 2005; BATISTA, 2003).

Essas mudanças também estão alicerçadas nos diversos documentos oficiais como LDB, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), e em questões como coesão, coerência textual, intertextualidade, inferência textual e, principalmente, no trabalho com os gêneros discursivos enquanto objetos de ensino. Contudo, como propõe Padilha (2005), é no livro didático que nos são apresentados, de forma mais explícita, os resultados dos diversos ajustes e movimentos inscritos e circunscritos à escolarização dos diferentes saberes.

Entretanto, muitos desses resultados são pouco visíveis no espaço escolar, pois notavelmente, quando se sai da esfera acadêmico-científica e entra-se na sala de aula da grande maioria das escolas brasileiras de ensino fundamental e médio, o que se observa ainda é uma prática pedagógica que mantém uma perspectiva reducionista ao estudo da frase descontextualizada através das nomenclaturas e classificações gramaticais (ANTUNES, 2003, p. 16).

Esse ensino descontextualizado, que ainda está presente na esfera escolar, manifesta-se, ora nas práticas docentes, ora em alguns livros didáticos de língua materna, uma vez que o ensino de língua portuguesa ainda está sendo desenvolvido a partir do trabalho proposto pelo livro didático, que geralmente apresenta uma visão fragmentada de seus conteúdos – gramática, leitura, produção textual e vocabulário, não existindo relação entre esses elementos, ou seja, o que ocorre em geral, ainda, nos livros didáticos, “é a polarização entre o estudo do texto e o estudo da frase, ou então o uso do texto como pretexto para ensinar gramática normativa” (GUIMARÃES, 2003, p. 153).

Assim, a problemática que se coloca nesta pesquisa refere-se à grande lacuna no modo de ensinar e aprender a língua Portuguesa nas nossas escolas por intermédio do livro didático de língua portuguesa, principalmente no que diz respeito à produção escrita de gêneros textuais argumentativos, que ainda está bastante presa aos modelos tradicionais de escrita que tomam como ponto de partida não o gênero e seus elementos composicionais, seu estilo, sua linguagem, seu contexto de produção, mas sim uma determinada ordem tipológica.

Desse modo, desenvolver estratégias inovadoras para o ensino de língua materna apresenta-se como um desafio na busca do desenvolvimento de competências e capacidades tanto de leitura, como também de escrita e oralidades que possam auxiliar no domínio dos demais objetos que precisam ser apreendidos pelos sujeitos no letramento escolar.

Desse modo, levantamos a hipótese de que as produções escritas de textos argumentativos, nos livros de língua portuguesa, devem ser mobilizadas/ensinadas através da abordagem enunciativo-discursiva de gêneros discursivos – na perspectiva bakhtiniana (1952/1953) e não apenas por meio de uma tipologia textual (narração, descrição, argumentação, etc.).

Nessa direção, o presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise sobre como são tematizadas as atividades de produção escrita de gêneros textuais da ordem do argumentar em um livro didático de língua portuguesa do ensino médio. Mais especificadamente, buscamos expor algumas discussões e reflexões, a respeito de como está sendo apresentada/trabalhada a produção do gênero textual/discursivo artigo de opinião em um livro didático de português do ensino médio avaliado pelo PNLD/2011.

O referencial teórico baseia-se, principalmente, em autores que trabalham com ideias vinculadas ao estudo sobre livros didáticos e sobre os gêneros textuais, como: Rojo e Batista, Ferraz e Gomes, Bakhtin, Marcuschi, Dolz e Schneuwly et al. A abordagem metodológica baseou-se nos procedimentos de investigação da Linguística Aplicada (LA) de base interpretativa e o tipo de pesquisa foi a análise documental. O *corpus* é constituído por uma proposta de produção escrita do gênero artigo de opinião e algumas atividades de leitura e interpretação referentes a esse gênero de texto, presentes em um LDP (Português Linguagem: Literatura, produção de texto e gramática do ensino médio de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães-volume I - 1º ano do ensino médio).

Com os resultados pretendemos discutir se a abordagem, no livro didático utilizado, para o ensino de produção escrita, do gênero analisado, colabora para a formação de produtores desses textos, favorecendo assim algumas competências a serem adquiridas pelo aluno.

## 1 HISTÓRICO DO PNLD DO ENSINO MÉDIO: UM MATERIAL NOVO PARA PRÁTICAS ANTIGAS

O livro didático tem ocupado um espaço importantíssimo na vida escolar, visto que muitos professores se utilizam do mesmo, muitas vezes, como o único meio de construção da sua atuação docente. Ou seja, na maioria das vezes, os professores acabam se valendo desse material e deixando de buscar outros textos e outras referências para apresentar em sala, prendendo, assim, a si mesmos e aos seus alunos ao livro escolar como única fonte de conhecimento. Esse material passou, ao longo dos anos, por diversas mudanças até chegar no livro que conhecemos hoje. Mudanças essas que se basearam na reformulação de conteúdos e também de seu caráter ideológico para evitar problemas como: incorrências de erros, preconceitos ou discriminação. Para Faria (1994), na década de 70, em plena ditadura militar, o livro didático era impregnado de ideologias burguesas que expunham o conceito de trabalho de forma alienante, levando a ideia de que ele só existia como meio de subsistência. Foram por esses e outros conflitos que se fez necessário organizar políticas para melhoria e aperfeiçoamento do livro escolar.

O livro escolar é tão importante que, antes mesmo da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), já se pensava em projetos, programas e instituições que se preocupariam com a melhoria da distribuição e do próprio material. Em 1929 foi criado, no Brasil, o Instituto Nacional do Livro que propunha estimular a produção de materiais didáticos. Em 1938 foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) que consistia em uma política de legislação, produção e controle de livros didáticos.

Em 1945 consolidou-se a legislação que orientou a utilização, as condições de produção e importação do material didático (a partir de então, os professores são os responsáveis pela escolha do material que era utilizado pelos alunos). Em 1966 foram fechados acordos entre o Ministério da Educação (MEC) e a United States Agency For International Development para orientar e organizar as ações que visavam à distribuição, produção e edição do livro.

No que tange à questão de pesquisas envolvendo o material didático como tema principal, pouco se teve registros até 1997, quando, a partir de então, vários autores se preocuparam com o tema, o que se deve, em grande parte, às modificações ocorridas no país a respeito das políticas públicas para o livro didático. Dentre essas mudanças, uma de grande importância foi a consolidação do PNLD que impulsionou uma espécie de renovação na política de produção e organização do material a partir de então. Segundo Rojo e Batista (2003, p.25), “O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é uma iniciativa do (MEC) e seus objetivos básicos são a aquisição, universal e gratuita, de livros didáticos para os alunos das escolas públicas do ensino fundamental brasileiro”.

O PNLD foi criado em 1985, porém, começaram a ocorrer alterações em suas características a partir do ano de 1986. Atualmente suas principais finalidades consistem na aquisição, avaliação e distribuição gratuita e universal dos Livros Didáticos para o ensino fundamental público brasileiro. Há alguns anos a distribuição era feita em dois seguimentos: o de 1ª a 4ª e o de 5ª a 8ª série. Onde no primeiro seguimento são distribuídos, avaliados e adquiridos títulos de alfabetização, estudos sociais, matemática, português e ciências. Enquanto que para o segundo a distribuição e a aquisição dos livros ocorrem conforme a seleção dos professores e das escolas, a partir do universo definido pela avaliação.

A partir de 1996, foi incluído no programa o processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos, dessa forma todos os livros inscritos no programa foram analisados pelo MEC e posteriormente publicados no Guia dos Livros Didáticos de 1ª a 4ª séries. Essa avaliação levava em consideração critérios que buscavam anular a ocorrência de erros ou de induções a erros, de preconceito, de discriminação, de estereótipos e de proselitismo político e religioso. Em 1999 foi acrescentado um novo critério de natureza metodológica que orientava que as obras deveriam propiciar situações de ensino-aprendizagem adequadas, coerentes e que envolvessem o desenvolvimento e o emprego de diversos procedimentos cognitivos.

A partir de 1998 os livros passaram a ser utilizados pelas escolas no período de três anos, dessa forma passou-se a realizar um único atendimento universal, ou seja, para o conjunto de alunos de um mesmo segmento a cada intervalo de vida útil dos livros. Atualmente, o PNLD já apresenta os livros didáticos conforme a nova nomenclatura de organização por anos e não mais por séries, levando em consideração as orientações do MEC para o ensino fundamental, a qual diz no projeto lei nº 3.675/04, transformado na lei ordinária 11274/2006, que a classe de alfabetização (fase anterior a 1ª série), antes facultativa, passaria a ser obrigatória. Assim, as crianças passariam a ser matriculadas aos seis anos de idade e cursariam um ciclo de nove anos até o término do ensino fundamental. Para o cumprimento da lei foi dado um prazo até 2010 para os estados e municípios se adaptarem às novas exigências curriculares.

Hoje em dia, o PNLD é considerado um dos maiores programas de distribuição gratuita de livros didáticos do mundo, só perdendo para o da China, porém um fator importantíssimo difere os dois programas: no Brasil são os professores que escolhem os livros que irão utilizar no decorrer do ano letivo, levando em conta as considerações contidas no Guia dos Livros Didáticos, o que dá um caráter democrático e participativo ao programa.

Quanto ao ensino médio, o Programa Nacional do Livro Didático de Ensino Médio (PNLEM) apresenta sua primeira versão (BRASIL, 2014), em 2005, e enquanto programa oficial, que procura trazer para o contexto de Ensino Médio a ampliação das ações de melhorias para esse contexto da Educação Básica. O programa foi implantado pelo MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Básica (SEB), em par-

ceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)<sup>5</sup>, em função dos resultados positivos do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático, que avalia, compra e distribui nacionalmente o livro didático de Ensino Fundamental<sup>14</sup>).

O PNLEM foi implantado, gradativamente, a partir de 2005, quando foram distribuídas as obras de Língua Portuguesa e de Matemática aos alunos matriculados na 1ª série da rede pública de ensino das regiões Norte e Nordeste. Os volumes subsequentes foram distribuídos nos anos seguintes. Foi estipulada, na ocasião, a escolha de um livro único para Língua Portuguesa para utilização no período de três anos consecutivos (2005, 2006, 2007). As obras selecionadas e avaliadas pelo Programa constam no Catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio. Este Catálogo já está em sua terceira edição (2011), sendo a primeira publicada em 2006.

## 2 GÊNEROS DA ORDEM DO ARGUMENTAR

O estudo do gênero textual em sala de aula vem sendo praticado há alguns anos. Apesar da confusão que muitas vezes é feita na utilização da nomenclatura “tipos de textos” para representar formas específicas que se materializam a partir de convenções histórico sociais, as quais cabem melhor chamá-las de “gêneros”, muitos LDP já utilizam essa linha de estudos, trazendo consigo, como bem demonstram Rojo e Batista (2003, p.112) “questões envolvendo a finalidade, os interlocutores preferenciais e o suporte dos textos em estudo, principalmente quando estes foram extraídos de revistas e jornais”, levando em consideração, para isso, as orientações feitas pelo MEC que são encontradas nos PCN e vinculadas ao PNLD, orientações essas que são fruto de pesquisas feitas por estudiosos da área.

Os gêneros textuais se materializam em diversos meios e em diversas formas. Isso porque, eles são construídos de forma a atender a finalidades que são especificadas por razões sociais, históricas, dentre outras. Dessa forma, gêneros discursivos são:

os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (2008, p. 155)

Ou seja, eles são encontrados na vida cotidiana e se apresentam, como bem postula Bakhtin (2003, p. 262), em cada campo de utilização da língua como tipos relativamente estáveis de enunciados, denominados por ele de “gêneros discursivos”. As práticas pedagógicas hoje utilizadas em sala de aula acabam propondo aos

<sup>5</sup> O Ministério da Educação (MEC) instituiu por meio da Resolução nº 38, de 15/10/2003, o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) com o objetivo de distribuir, gratuitamente, livros didáticos para os alunos do ensino médio de escolas públicas.



alunos o trabalho com textos escritos dissociados da realidade das práticas de linguagem escrita vivenciadas fora de sala. Assim:

Uma das carências apontadas no ensino tradicional da produção escrita foi a desconsideração de seus aspectos sociodiscursivos. A prática da redação escolar se transformou em meio para a verificação, avaliação da aprendizagem de aspectos gramaticais, ou para a avaliação da escrita em si (saber escrever sem erros ortográficos), desconsiderando as funções sociais da escrita, as suas condições de produção, os seus processos de produção. Rodrigues (2001)

Para Rojo e Batista (2003, p.127), todo texto tem uma relação de correspondência a determinados padrões sociais, por isso, pertencem a gêneros específicos que atendem as dadas expectativas. Dessa forma, numa sociedade letrada e complexa como a nossa, entramos em contato com vários tipos de gêneros a todo o momento, como: “novela de TV, telemarketing, e-mail, bate-papo descontraído, romance, dissertação escolar, etc.”, porém, no que concerne a essa pesquisa, iremos nos reter a discorrer sobre os gêneros da ordem do argumentar, mais especificamente o artigo de opinião, suas especificidades e como o mesmo é tratado em um livro didático de língua portuguesa.

Para Koch (1987, p. 19) “o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo.” Assim, como bem postula Ferraz e Gomes (2006, p. 20) “todo texto teria uma base argumentativa. Subjacente a tal postulado está a ideia de que a linguagem não é neutra e que usamos os recursos linguísticos para apresentar e defender nossas concepções sobre o mundo e sobre a vida.”

Dessa forma, a argumentação seria um fator intrínseco de todo e qualquer texto, visto que, todo discurso carrega consigo um teor ideológico, do qual o indivíduo se utiliza para convencer o outro a respeito de suas concepções. Porém, existem gêneros que se utilizam da argumentação mais do que outros, isso por que têm como objetivo primeiro a persuasão. Os textos argumentativos têm por finalidade principal convencer seus interlocutores a respeito de um ponto vista sobre um dado tema que possivelmente gerará opiniões controversas. Para isso o autor lança mão de diversos recursos, como: justificativas, argumentos, contra-argumentos, refutações, etc. Buscando assim, que seus interlocutores sejam convencidos de forma plena.

Dessa forma, como bem citam Ferraz e Gomes (2006, p. 25) “dependendo da situação de interação pode-se lançar mão das diferentes formas de argumentação. Obviamente, os papéis sociais dos interlocutores e as características pessoais deles interferem na possibilidade de eficácia para um ou outro tipo de argumentação. Por exemplo, pode-se avaliar que o interlocutor, dado seu status e posição social, ficaria

resistente em dada situação a um ponto de vista explícito. O falante (ou escritor), então, poderia lançar mão de um raciocínio mais dialético.”

Para Marcuschi (2008), o trabalho com textos da ordem do argumentar envolve questões sociais de comunicação e busca discutir temas socialmente controversos. Dessa forma, quando se coloca os estudantes em contato com gêneros dessa ordem, possibilita-se aos mesmos o exercício e desenvolvimento de suas capacidades de utilização de uma linguagem dominante no sentido de conseguirem melhor expor seus pontos de vista e defendê-los, no que diz respeito à sustentação, refutação e negociação de tomadas de decisões.

A atividade argumentativa pode ser concretizada em diversos meios e de diversas formas. Cada formato corresponde a uma forma específica de concretização textual, com suas próprias configurações, meios de circulação, propostas, estratégias de convencimento, etc. São os chamados gêneros, nesse caso argumentativos, que podem aparecer na forma de uma dissertação escolar, de um editorial, de uma crônica argumentativa, de uma resenha crítica, de uma carta ao leitor, de um artigo de opinião, dentre outros. Para Ferraz e Gomes (2006, p. 25-26), “haveria, então, diferentes modelos textuais construídos a partir das condições de interação e dos interlocutores envolvidos. Reconhecer os conhecimentos partilhados seria fator preponderante para a construção do modelo textual.” E “também, que não há um modelo universal de texto argumentativo, mas que os contextos de produção criam práticas de linguagem que historicamente conduzem a modelos mais estáveis de textos”, que são os gêneros textuais, já citados anteriormente.

## 2.1 Gênero textual artigo de opinião

O artigo de opinião, segundo Köche, Boff e Marinello (2010, p.33-34) se vale do argumentar para avaliar, criticar e responder questões de um tema controverso, dessa forma, ele só tem sua origem se houver divergências de opinião sobre o assunto tratado. No tocante ao tema, geralmente é de ordem social, econômica, política ou cultural. E é abordado por pessoas que buscam exprimir seus pontos de vista sobre o dado tema que provoca indagações e questionamentos nelas e em outros.

Reforçando ainda mais a ideia sobre este gênero podemos perceber que:

O artigo de opinião é um gênero de discurso em que se busca convencer o outro de uma determinada ideia, influenciá-lo, transformar os seus valores por meio de um processo de argumentação a favor de uma determinada posição assumida pelo produtor e de refutação de possíveis opiniões divergentes. Rodrigues (2001)

A autora acredita ainda que se trata de um gênero em que o locutor deve imaginar seus interlocutores de forma a antecipar suas opiniões, podendo assim refutá-las em um processo de negociação ou não, buscando influenciar e transformar seus



valores. Portanto, torna-se indispensável para a construção do artigo de opinião que haja um tema que gere opiniões controversas a serem debatidas em determinados círculos sociais.

Ainda para Rodrigues (2001), além da dimensão pedagógica refletida na função que este gênero tem no desenvolvimento de conteúdos específicos na área de língua portuguesa, um fator que justifica fortemente o uso do artigo de opinião na esfera escolar é sua relevância sociodiscursiva. Nesse sentido, o trabalho com o gênero artigo de opinião no ensino e na construção de textos escritos em sala de aula adquire um sentido especial para as classes sociais excluídas, já que, “o conhecimento e o domínio do gênero se constituirá como um instrumento para a participação dessas classes na produção dos discursos da esfera jornalística,” visto que, existem, para a autora, certos filtros sociais que afastam, determinadas classes, do conhecimento dos processos da produção escrita dos gêneros da esfera jornalística.

Dessa forma, o objetivo da escola para o ensino da produção escrita não pode se limitar ao letramento funcional, o qual designaria um estado mínimo, negativo e passivo, mas sim ajudar os alunos a desenvolverem habilidades com as quais eles possam conhecer e dominar gêneros textuais de forma a funcionar adequadamente nos diversos contextos sociais.

Devido o seu caráter compromissado em tratar com seriedade os temas que, de acordo com o autor, são merecedores de reflexão e questionamentos, o artigo de opinião é geralmente encontrado em jornais, revistas, periódicos e em outros meios de circulação como estes. Ainda segundo Köche, Boff e Marinello (2010, p.33) é o contexto de circulação (aí estão incluídos tanto o local onde foi produzido quanto o local onde os possíveis interlocutores terão acesso ao texto, os próprios interlocutores, etc) que determina a configuração do texto.

Quanto a sua estrutura, o artigo de opinião obedece a algumas características específicas, como: linguagem predominantemente formal, descrições detalhadas, apelo emotivo, acusações, humor satírico e ironia. As fontes utilizadas nesse gênero devem ser sempre precisas. Outras características são o uso das orações no imperativo e de conjunções que ajudam a articular melhor as ideias. Na maioria das vezes é escrito na primeira pessoa, devido ser um texto que traz consigo muitas marcas pessoais, porém pode vir na terceira pessoa também.

Assim, é a partir de características internas e externas ao texto (o que chamamos de contexto) que o mesmo ganha forma, com configurações específicas, tornando-se, dessa forma, no gênero artigo de opinião com seu objetivo específico que é o de convencer o outro acerca de uma determinada ideia por meio da argumentação.

### **3 PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS - A LINGUÍSTICA APLICADA E MATERIAIS DIDÁTICOS: RELAÇÕES POSSÍVEIS.**

A Linguística Aplicada (doravante LA) tem procurado assumir o seu caráter


transdisciplinar, em uma perspectiva contemporânea para as pesquisas em ciências da linguagem, frente não só às novas demandas sociais, mas também ao novo quadro sócio-histórico-cultural e científico influenciado e delineado ao longo dos últimos anos pelo processo de globalização.

Desse modo, alguns pesquisadores (CELANI, 1998; EVENSEN, 1998; FABRÍCIO, 2006; KLEIMAN, 1998; KUMARAVADIVELU, 2006; MOITA-LOPES, 1996; 2006; ROJO, 1999; 2006b; 2006b; 2007, e 2008d; dentre outros) que procuram atuar no campo aplicado, apontam para essa nova perspectiva, além de buscarem, em suas reflexões, a ruptura com os paradigmas hegemônicos do fazer científico, procedimento já incorporado pelas diversas áreas das ciências sociais e humanas (CELANI, 1998 e 2006; MOITA-LOPES, 1996 e 2006; KLEIMAN, 1998; dentre outros).

Esse movimento de reflexão parece conduzir esses pesquisadores a buscarem um sentido aplicado e uma relevância social para as suas investigações e teorizações. Assim, consideram não só os seus interesses primários de pesquisa e de construção teórica, como também procuram entender, explicar ou tentar solucionar problemas sociais, criando ou aprimorando as soluções já existentes (EVENSEN, 1998).

Para Rojo (2006), devem-se investigar problemas de uso da linguagem socialmente relevantes para a elaboração de conhecimento útil aos participantes em seus próprios contextos de uso. Seguindo esses pressupostos, bem como nosso interesse primário de pesquisa como proposto por Evensen (1998) - analisar como são tematizadas as atividades de produção escrita de gêneros textuais argumentativos nos livros didáticos de língua portuguesa - para condução desta pesquisa realizaremos uma análise qualitativo-interpretativa (MOITA-LOPES, 1996) de um projeto didático autoral, a saber: **Português Linguagens**, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, avaliado pelo PNLD-2011, como descritos abaixo:

**Quadro 1- obra Português – Linguagem: Literatura, produção de texto e gramática**

<b>LIVRO</b>	<b>BREVE HISTÓRICO NO PNLD</b>	<b>EDITORA</b>	<b>EDIÇÃO E ANO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>IMAGEM DO LIVRO</b>
<b>Português – Linguagem: Literatura, produção de texto e gramática</b>	<b>Inscrita no PNLD/2005, com menção, aprovada novamente no PNLD/2011</b>	<b>Saraiva</b>	<b>2012 2014</b>	<b>William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães</b>	

Fonte: MEC (2013).

O tipo de pesquisa centrou-se na análise documental da referida obra, em especial em uma seção que trata de produção de textos. O livro analisado tem sido muito escolhido pelos professores para o auxílio em sua prática docente, motivo esse

que nos levou a selecioná-lo para a análise. Além disso, a referida obra foi indicada na resenha do PNLD/2011 com muitos pontos positivos, outro fator que favoreceu a sua escolha.

Assim, para a construção do *corpus* desta pesquisa, optamos pela seleção de uma atividade de produção escrita da obra de Cereja e Magalhães (2012), que envolve a produção do gênero artigo de opinião.

### 3.1 Categorias de análise

**Quadro 2 - As orientação para a produção escrita no LDP**

<b>CONCEITO E FINALIDADE</b>	➤ Nessa categoria, é analisada não só a adequação e a consistência do conceito e da finalidade do gênero trabalhado na unidade/capítulo do livro, como também a concepção que o livro apresenta do gênero.
<b>MODELO/EXEMPLO e INTERLOCUÇÃO</b>	➤ Nessa categoria, é verificada a presença ou não de exemplo(s) do gênero em estudo e são evidenciados se os modelos e esquemas estruturais possibilitam ao aluno a visualização e a apropriação de características organizacionais próprias de cada gênero e é verificado, também, se o livro faz menção às características do provável receptor do gênero em estudo, orientando o aluno para a escolha de recursos linguístico-textuais e enunciativos adequados.
<b>CIRCULAÇÃO</b>	➤ Nessa categoria, é examinado se a obra faz referência às circunstâncias em que normalmente é produzido o gênero em questão, ou seja, <i>onde, como, em que momento</i> ele circula.

Fonte: Gomes, Dias e Martins (2014).

A observação e a análise das categorias acima permitiram fazer constatações sobre as condições de produção do gênero textual no livro didático analisado, no sentido de verificar se as propostas apresentam uma concepção do escrever como prática social e ampliam a visão do aluno do que é contexto de atuação.

## 4 ANÁLISE DO LIVRO

A obra “Português Linguagens: Literatura – Produção de texto – Gramática”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, foi lançada pela primeira vez, em 1998, voltada, naquela época, para o ensino fundamental. Essa primeira 1ª edição da obra foi recebida, segundo os autores, com entusiasmo por professores que reconheceram a possibilidade concreta de, com o apoio dela, transformarem sua

prática pedagógica. Na 2ª edição, lançada no mercado em 2002, os autores procuraram confirmar ou aprofundar os rumos traçados pela 1ª edição.

Já para o ensino médio, conforme defende Fernandes (2010), trata-se de um livro didático cuja presença em sala de aula parece anteceder as avaliações do PNLEM. Por exemplo, Bunzen (2005) registra que os autores desse LDP têm obras publicadas para o Ensino Médio já em 1990 e em 1994<sup>6</sup>, mas para a avaliação institucional, os autores submeteram a obra à avaliação do MEC somente no primeiro edital do PNLEM- 2005, com o mesmo título, tendo sido uma das obras mais escolhidas na primeira edição do programa.

Segundo a resenha do livro, presente no guia do PNLD/2011<sup>7</sup>, o livro está organizado em quatro unidades, sendo que cada unidade tem um tema principal e comporta vários capítulos que, por sua vez, são desenvolvidos a partir de subtemas que estão relacionados ao tema da unidade.

#### 4.1 Conceito e finalidade

No que concerne à produção do gênero artigo de opinião analisado, a proposta de produção presente no volume I (Unidade IV, capítulo II), os autores, inicialmente, apresentam algumas orientações quanto ao gênero<sup>8</sup> (cf. anexos A):

##### Trabalhando o gênero

No mundo em que vivemos com frequência precisamos nos posicionar sobre certos temas que circulam socialmente. Por exemplo: A diminuição da maioria penal é medida eficiente para conter a violência? Os médicos têm direito de interromper a vida de uma paciente em estado terminal? Os programas de televisão devem sofrer algum tipo de controle? Para responder a essas e a outras questões, são publicados em jornais, revistas e em sites da internet artigos de opinião<sup>9</sup>, nos quais o autor expressa seu ponto de vista sobre certo tema. Um tema polêmico que vem sendo muito debatido nos últimos anos, e tem dividido a opinião pública em geral, é a implementação do sistema de cotas para ingresso nas universidades. A adoção desse sistema é apresentada como forma de reduzir as desigualdades,

<sup>6</sup> Em pesquisas sobre as escolhas e usos de Livros didáticos do ensino fundamental e médio nas escolas amapaenses (projeto de iniciação científica/UNIFAP-CNPq), Gomes e Barros-Mendes (2009, 2010), são apresentadas informações coletadas a partir de questionários em entrevistas semiestruturais, nas quais os participantes (professores de longa experiência no magistério da educação básica) informam que esses autores de LDP e suas respectivas obras eram muito conhecidos e seus livros muito adotados em várias escolas, tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Ensino Médio. Um dos motivos alegados para a preferência de adoção foi o de que tais livros traziam muitas propostas diferentes e inovadoras para o ensino de Língua Portuguesa.

<sup>7</sup> O guia do PNLD é um manual, no qual estão contidas resenhas sobre os livros que foram aprovados na avaliação do MEC.

<sup>8</sup> Por questões de espaço, as explicações, bem como algumas atividades de leitura referentes ao gênero analisado foram transcritas. Negrão original proposto pelos autores.

<sup>9</sup> Negrão original proposto pelos autores.

promover a diversidade racial e combater a exclusão, e seus adeptos se apoiam em dados que mostram que uma grande parte da comunidade negra no Brasil é excluída de oportunidades sociais. (CEREJA & MAGALHÃES, 2012).

Diferentemente do que apontava Costa Val (2003), em suas análises de propostas de produção escrita de livros didáticos, nas quais a autora demonstrava que os LDP pouco orientavam sobre a definição do gênero a ser produzido, hoje, é possível encontrar nos novos LDP, orientações quanto ao que deverá ser produzido pelo aluno, embora seja possível evidenciar também que essas orientações não abarcam toda a complexidade do gênero, como se observa no fragmento acima, no qual é possível observar que os autores, para introduzirem o gênero na seção, partem não propriamente dos três elementos indissociáveis do gênero artigo de opinião – tema, estrutura composicional e estilo - conforme defende Bakhtin (1952/3), mas somente por um deles, neste caso pelas temáticas polêmicas que são mais recorrentes nesse gênero.

Desse modo, podemos perceber que a escolha feita pelos autores pela “entrada” no gênero, por meio do viés temático, pode possibilitar ao aluno o reconhecimento, a definição e o conceito inicial sobre o gênero em estudo, porém de modo parcial, e também, outras dimensões do artigo de opinião são deixadas em segundo plano, mesmo elas sendo fundamentais para a compreensão do gênero, já que para escrever, o aprendiz precisa de conhecimentos sobre o conteúdo temático a abordar, mas também de conhecimentos sobre a língua e sobre as convenções sociais que caracterizam o uso dos gêneros a serem redigidos (DOLZ ET ALLI., 2010,p.15), nesse caso a esfera de circulação, o contexto de produção os leitores em potencial, como veremos na análise a partir da segunda categoria abaixo.

#### 4.2 Modelo/Exemplo e Interlocução

Após a apresentação inicial do gênero é apresentado ao aluno um exemplar do artigo de opinião, voltado primeiramente para leitura e interpretação, mas que também servirá como um modelo a ser seguido, posteriormente na produção do gênero pelo aluno. O artigo de opinião, escrito por Lya Luft à revista Veja, discute a temática sobre cotas para negros nas universidades, temática essa usada inicialmente na conceituação do gênero. Mesmo não sendo o foco de discussão aqui, vale trazer algumas das questões referentes ao modelo do gênero que nos auxiliam na análise da segunda categoria, são elas:

Leia, a seguir, um artigo de opinião, de autoria da escritora Lya Luft, sobre esse tema (Cotas em universidade).

1. A autora introduz o tema e seu ponto de vista sobre ele por meio de uma ampla apresentação.

a) Qual é o tema do artigo de opinião lido?

- b) Identifique, no 2º parágrafo, o ponto de vista da autora.
7. Observe a organização do texto quanto à estrutura e à exposição das ideias. A conclusão é coerente com a ideia e com os argumentos apresentados ao longo do texto? Justifique sua resposta.
- 8. Observe a linguagem do texto<sup>10</sup>.**
- a) Que variedade linguística foi empregada? A formal ou a informal?**
- b) Considerando-se o tema, o veículo em que o texto foi publicado e o perfil do público leitor, pode-se dizer que a escolha dessa variedade linguística foi adequada? Por quê?**
- 9. Reúna-se com seus colegas de grupo e, juntos, conclua: Quais são as características do artigo de opinião? Respondam, considerando os seguintes critérios: finalidade do gênero, perfil dos interlocutores, suporte ou veículo, tema, estrutura, linguagem.** (CEREJA & MAGALHÃES, 2012, p. 290).

As primeiras questões de leitura e compreensão sobre o texto, feitas pelo livro, como se observa acima, ainda remetem à temática discutida no gênero, mas também no conjunto dessas questões é possível evidenciar a tentativa, ou melhor, a preocupação dos autores em apresentar, por meio da mobilização de outros elementos, a configuração enunciativo-discursiva do gênero artigo de opinião. Nessa conjuntura das atividades, merecem destaque as questões 8 e 9, nas quais observamos que os autores, buscam, a partir do modelo de artigo de opinião apresentado, possibilitar ao aluno a identificação e discussão das características organizacionais próprias do gênero artigo de opinião (um tema polêmico, tese a ser defendida, argumentos, contrapor visões divergentes, leitor em potencial, linguagem padrão, veículo de circulação).

### 4.3 Circulação

Pelas questões de leitura e interpretação analisadas anteriormente, podemos afirmar que os autores se aproximam parcialmente da abordagem enunciativo-discursiva dos gêneros na visão bakhtiniana, porém vale salientar como destaca Bunzen (2006, p. 49):

Uma preocupação ainda rara dos autores e editores, no processo de edição, é um tratamento adequado a propriedades do gênero, o que envolve, muitas vezes, o respeito pelo suporte, pela apresentação multimodal dos textos (fotos, imagens, infográficos, etc.), pela diagramação e disposição de alguns elementos, etc. Quando os autores assumem que o gênero é também **objeto de ensino**, essas facetas procuram, comumente, ser respeitadas e/ou são objetos de análise.

<sup>10</sup> Negrito nosso.



Entretanto, no modelo do gênero apresentado por Cereja e Magalhães (2012), há desconsideração desse “tratamento adequado às propriedades do gênero”, como apontado por Bunzen (2006), já que na transposição do artigo de seu suporte original (páginas da Revista *Veja*) para o livro didático, as configurações gráficas foram desconsideradas, como por exemplo, a divisão do artigo em colunas, a data de publicação do artigo).

Como é visível por nossas análises acima, a escolarização do gênero artigo de opinião neste LDP fez com que o texto fosse re(a)presentado de duas formas: a) na primeira, como preparação para a leitura e ativação de hipóteses dos alunos apenas sobre a temática predominante no gênero e b) na segunda, para a identificação e compreensão mais enunciativa e social do gênero, mas que está centrada fortemente ao aspecto “estético do gênero”, isto é, em responder apenas ao padrão característico de escrita desse gênero.

É pertinente esclarecer que não nos parece inadequado trazer essas duas abordagens de modo separado para o ensino e produção de gêneros no Ensino Médio, já que toda introdução de um gênero na escola é resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem (DOLZ E SCHNEUWLY, 1997), entretanto, concordamos com Rojo (2006, p.56) para quem:

o acesso ao poder no mundo contemporâneo se dá pela agilidade, criatividade, flexibilidade, rapidez, adequação de estilo, discurso *persuasivo*. Logo, no ensino, não é mais suficiente mostrar que os outros conseguiram comunicar e que construíram belos objetos. Agora, é preciso que os objetos sejam **pertinentes**. E pertinentes em dois sentidos: em relação às situações de comunicação e em relação à experiência cultural do escritor/leitor. Trata-se, agora, de se apropriar dos escritos para agir na vida, e isso é novo para a escola.

Se por um lado, pelas atividades de leitura e compreensão foi possível identificarmos, como visto acima, uma aproximação parcial à abordagem enunciativo-discursiva de gêneros, na proposta de produção escrita isso fica um pouco mais evidente, como podemos ver na transcrição abaixo da proposta (cf. anexo B):

Produzindo o artigo de opinião

Prepare-se para também produzir um artigo de opinião. Para isso leia o painel de textos que segue.

Para produzir seu artigo de opinião, siga estas instruções:

- a) Anote num papel os **argumentos que achou melhores nos textos<sup>11</sup> lidos ou no debate** e que podem ser úteis para fundamentar o ponto de vista que você pretende desenvolver.

<sup>11</sup> Negritos nossos.

- b) Ao redigir o texto, **leve em conta o interlocutor: jovens como você. O texto deve ser guardado para ser exposto num mural de debates ou publicado num blog coletivo da classe, que serão montados no capítulo 8 desta unidade.** Poderá também ser enviado para um fórum de debate na internet. **A linguagem deve ser, portanto, adequada ao gênero e ao perfil do público leitor.**
- c) Pense num enunciado (uma ou mais frases) capaz de expressar a ideia principal (a síntese de seu ponto de vista) que pretende defender e anote-o.
- d) **Entre os argumentos que anotou, escolha aqueles que podem fundamentar a ideia principal do texto de modo mais consistente e desenvolva-os. Em vez da quantidade, dê preferência para à qualidade e à profundidade dos argumentos. Se achar conveniente, acrescente novos argumentos.**
- e) Pense na melhor forma possível de concluir seu texto: ou retomando o que foi exposto, ou confirmando a ideia principal, ou trazendo uma citação de algum escritor ou alguém importante na área relativa ao tema debatido.
- f) Dê um título que desperte a curiosidade do leitor.
- g) Se digitar o texto, **formate-o em duas colunas e entre elas insira uma chamada.**
- h) Terminado o texto, realize **uma revisão cuidadosa**, orientando-se pelo boxê. Avalie seu artigo de opinião, e reescreva o que for necessário. . (CEREJA & MAGALHÃES, 2012, p. 290).

Como se pode perceber, para a produção do texto propriamente dito, o livro apresenta ao aluno um plano de elaboração ou nas palavras de Rojo (2001); Schneuwly, Dolz e De Pietro (1998), uma modelização didática<sup>12</sup> para o gênero artigo de opinião.

De certo modo, o momento da modelização didática constitui-se no mecanismo que transforma uma descrição de gênero (ou de qualquer outro objeto de ensino) num programa de ensino de gênero, conseqüentemente isso implicará também na diluição de alguns elementos constitutivos do funcionamento do gênero como vimos anteriormente, mas fica visível o esforço dos autores em aproximar a produção do gênero de práticas reais e “autênticas”, pois como se observa pelos negritos na proposta, Cereja e Magalhães (2012) contextualizam a produção apresentando-a com um processo e não como um ato mecânico, isto é, pronto e acabado.

Algumas orientações, diferentemente das atividades de leitura e compreensão, deixam claro, por exemplo, que o discurso deve ser adequado aos leitores em

<sup>12</sup> Para Dolz, Schneuwly & de Pietro (1998) o modelo didático define “princípios, orienta a intervenção didática e, enfim, torna possível uma progressão entre os diferentes graus de aprendizagem. [...] O modelo define, com efeito, os princípios (por exemplo, o que é um debate?), os mecanismos (reformulação, retomada, refutação) e as formulações (modalizações, conectivos) que devem constituir objetivos de aprendizagem para os alunos”.

potencial do gênero, considerando, portanto, o suporte no qual o gênero está vinculado. Como se observa na questão “a) Ao redigir o texto, **leve em conta o interlocutor: jovens como você. O texto deve ser guardado para ser exposto num mural de debates ou publicado num blog coletivo da classe, que serão montados no capítulo 8 desta unidade.** Poderá também ser **enviado para um fórum de debate na internet. A linguagem deve ser, portanto, adequada ao gênero e ao perfil do público leitor**”.

Nessa questão, é possível encontrar a preocupação quanto ao estilo de linguagem e os possíveis contextos de circulação do gênero, isto é, algumas explicações sobre circulação dos *textos de opinião*, informando desse modo ao aluno que o texto poderá ser encaminhado ao blog ou a um fórum, os autores consideram os sujeitos implicados nesses eventos comunicativos (MARCUSCHI, 2008) ou nessas práticas de linguagem (SCHNEUWLY E DOLZ, 1998), uma vez que em um blog, dependendo de sua configuração estilístico-composicional e, principalmente, por sua peculiaridade de ser um espaço (para alguns autores um gênero) digital, as discussões tendem a ser mais aligeiradas, bem como apresenta alternância entre a variedade padrão e não padrão da língua.

Assim, as orientações, como “**leve em conta o interlocutor: jovens como você/ Se digitar o texto, formate-o em duas colunas e entre elas insira uma chamada**”, de certo modo tendem a indicar uma entonação expressiva (BAKHTIN, 1952/3). O seu uso dará ao discurso certo padrão avaliativo, uma vez que mostrará claramente que o aluno/autor/locutor está demonstrando o que pensa acerca de algo que fora questionado pelo livro, está demonstrando o conteúdo do enunciado.

Notamos também que, ao chamar a atenção do aluno, informando que no artigo de opinião, são empregados argumentos consistentes para exprimir como o produtor gostaria que as coisas fossem, indica filiação às ideias de Bakhtin (1953/2, p.282) quando este diz que a “vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso”.

Também de fundamental importância é a solicitação para que o aluno anote os argumentos mais pertinentes nos textos lidos, os quais serão usados depois na produção do texto de opinião. Segundo Dolz, Schneuwly & de Pietro (1998), o trabalho de observação e de análise não é possível sem a ajuda da escrita, uma vez que é necessário anotar as observações para lembrar-se delas ou para transmiti-las aos outros é preciso transcrever certas expressões para comentá-las.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão dos problemas de produção e recepção de textos na escola, vem se delineando, nos últimos anos, uma proposta para o ensino da produção textual baseada na noção de gênero do discurso. Alguns estudiosos da linguagem e de seu ensino, em diferentes países, têm empreendido vários estudos e pesquisas no sentido de verificar os efeitos de propostas didáticas que objetivam o ensino da pro-

dução escrita a partir dos gêneros textuais, e as implicações do ensino desses gêneros por meio dos LDP. Assim, o trabalho da unidade propondo a produção escrita do gênero artigo de opinião, por nossas análises, aproxima-se em muito da abordagem enunciativo-discursiva bakhtiniana, apresentando-se dessa forma como uma boa oportunidade para que os alunos debatam entre si, auxiliados pelo professor, as diversas formas de produzir esse gênero.

Entretanto, ainda é possível perceber no LDP de Cereja e Magalhães (2012), que o tratamento dado aos gêneros ainda não leva em consideração o gênero como objeto de ensino, sobre o qual sistematizações precisam ser realizadas. Observamos a indicação de um modelo do gênero que deverá ser produzido pelo aluno, e a explicação de algumas características da sua forma composicional, o que já se concretiza como ganhos significativos para o LDP, ao apresentar uma preocupação, na atividade, de ir além de aspectos apenas linguístico-gramaticais e estruturais do gênero, enfocando assim aspectos discursivos desse gênero, todavia, essas noções ainda são raras, tendo, portanto, espaço limitado no processo de escolarização dos textos que estabiliza os gêneros e as práticas sociais, que de certa forma faz com que esses sejam artificializados na escola.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português e interação**: São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da Criação Verbal, pp.277-326. São Paulo: Martins Fontes, 1952/3.
- BARROS-MENDES, A.N.N. **Os gêneros orais formais e públicos: algumas reflexões**. PUC/SP- UNIGE/SUISSE. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – PUC-SP), 2005.
- BATISTA, A. Augusto Gomes. "A avaliação dos livros didáticos: para entender o programa nacional do livro didático (PNLD)". In: Rojo, R. & Batista, A. (Orgs.) **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas: Mercado de Letras. p. 25-67, 2003.
- BRASIL, MEC/SEMTEC. **Catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio**. PNLEM. 2006 b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 15 mar..2014.
- BUNZEN, Clecio. **Livro didático de língua portuguesa: um gênero do discurso**. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. IEL-UNICAMP, 2005a.
- \_\_\_\_\_. **Dinâmicas discursivas nas aulas de português: os usos do livro didático e projetos didáticos autorais**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. IEL-UNICAMP, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O tratamento da diversidade textual nos livros didáticos de português: como fica a questão dos gêneros**: In: SANTOS, C.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTI, M..

- Diversidade Textual: os gêneros na sala de aula.** Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora/CEALE, 2006 a, p.43-58.
- BUNZEN, Clécio; ROJO, Roxane. **Livro didático de língua portuguesa como gênero do discurso:** autoria e estilo. In: Maria da Graça Val e Beth Marcuschi (Orgs.). **Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania.** Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005b.
- BUNZEN, C. S.; MENDONÇA, M. (Org.) Sobre o ensino de língua materna no ensino médio e a formação de professores. In: **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2006, p.11-22.
- CAVALCANTI, M. C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada. In: MOITA-LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada interdisciplinar.** São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2006. p.233-252.
- CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade.** 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004[1998]. p. 129-142.
- DOLZ, Joaquim. & SCHNEUWLY, Bernard. "Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)". In: Schneuwly, Bernard & Dolz, Joaquim: **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1997.
- DOLZ, J.; B. SCHNEUWLY & J.-F. DE PIETRO 1998 Récit d'élaboration d'une séquence: Le débat publique. IN: J. DOLZ & B. SCHNEUWLY (eds) **Pour un Enseignement de l'Oral: Initiation aux genres formels à l'école.** Paris: ESF Editeur, 1998.
- EVENSEN, L. S. a Linguística Aplicada a partir de um arcabouço com princípios caracterizadores de disciplinas e transdisciplinas. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade.** 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004 [1998]. p.81-98.
- FARIA, A. L. **Ideologia no livro didático.** São Paulo: Editora Cortez, 1994.
- FERRAZ, T. & GOMES, A. **A argumentação em textos escritos:** a criança na escola. Belo horizonte: Editora autêntica, 2006.
- FERNANDES, Giselle. **Composição de textos na escola brasileira:** em busca de uma história – do Ratio Studiorum aos manuais de estilo do final do século XIX. 156 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2010.
- KOCH, I. & ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo, SP: Editora Contexto, 2006. 216 p.
- KÖCHE, V. S.; BOFF, M. B. & MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual:** gêneros textuais do argumentar e expor. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GUIMARÃES, C. Vanir. A conexão textual em Luz de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental: Uma tentativa de formulação de uma gramática textual. In: Rojo, R. & Batista, A. (Orgs.) **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita.** Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MOITA-LOPES, L. P. Afinal, o que é Linguística Aplicada? In: **Oficina de Linguística Aplicada**. 4. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002 [1996]. p. 17-26.

\_\_\_\_\_. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA-LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2006 a. p.13-42.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão** – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 19-36, 2005.

PADILHA, de J. S. (2005) **Os gêneros poéticos em livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental**: uma abordagem enunciativo-discursiva, PUC/SP. Tese de Doutorado.

ROJO, R. H. R (Org.) **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCN. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

ROJO, R. H. R. & BATISTA, A. AUGUSTO GOMES. **Livro Didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA-LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2006 b. p.253-276.

RODRIGUES, R. H. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. IN: R. H. R. ROJO (ed) **A Prática de Linguagem na Sala de Aula**: Praticando os PCNs. São Paulo/Campinas: EDUC/Mercado de Letras, 2001.

VAL, Costa, da G. Maria. "Atividades de produção de textos escritos em Livros Didáticos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental" (p.125-152). In: Rojo, R. & Batista, A. (Orgs.) **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: Linguagens**. Volume 1. Ensino Médio. Livro do aluno. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Saraiva, 2012. 336p.